







A RESISTÊNCIA NA CONTÍSTICA DE MARIA LUCIA MEDEIROS RESISTANCE IN THE STORY OF MARIA LUCIA MEDEIROS

Ana Júlia Chaves de LACERDA¹  
Augusto SARMENTO-PANTOJA²  

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo investigar os processos de resistência contidos na contística de Maria Lucia Medeiros. No eu projeto estético há um forte teor de crítica social acompanhado de narrativas que levantam situações de vigilância e controle, violências, punições e logicamente resistência. Pretende-se aferir e mapear como se estabelecem as relações de poder e quais os dispositivos e tecnologias são empregados no controle dos corpos nos contos de Medeiros. Para tal investigação elegemos três contos, dentre eles contamos com Quarto de Hora (1994), Velas. Por quem? (1990) e Chuvas e Trovoadas (2003). Como base teórica utilizaremos os trabalhos de autores como Michel Foucault (1985, 1988, 2005,2010) e Giorgio Agamben (2007) que investigam o poder, os dispositivos, as resistências etc. Entendemos tais conceitos por esses autores onde o poder funciona em rede e está em todos os âmbitos da vida. Assim como, os dispositivos que são tecnologias do poder que visam atender a uma urgência, logo têm finalidade estratégica de controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. O poder funciona como uma teia que prende a todos(as), porém a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Com efeito, investigaremos os dispositivos, as relações de poder e as resistências a eles.

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Crítica social. Maria Lucia Medeiros. Resistência.

ABSTRACT: *The present work aims to investigate the resistance processes contained in Maria Lucia Medeiros's short stories. In my aesthetic project there is a strong content of social criticism accompanied by narratives that raise situations of surveillance and control, violence, punishments and, of course, resistance. The aim is to assess and map how power relations are established and which devices and technologies are used to control bodies in Medeiros' stories. For this investigation we chose three short stories, among them Quarto de Hora (1994), Velas. Por quem? (1990) and Chuvas e Trovoadas (2003). As a theoretical basis we will use the works of authors such as Michel Foucault (1985, 1988, 2005, 2010) and Giorgio Agamben (2007) who investigate power, devices, resistance, etc. We understand such concepts by these authors where power works in a network and is in all areas of life. Likewise, devices that are technologies of power that aim to respond to an emergency, therefore have a strategic purpose of controlling and ensuring the gestures, conduct, opinions and speeches of living beings. Power works like a web that binds everyone, but as soon as there is a power relationship, there is a possibility of resistance. In effect, we will investigate the devices, power relations and resistance to them.*

KEYWORDS: *Short story. Social criticism. Maria Lucia Medeiros. Resistance.*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFGA). E-mail: anajulialacerda8@gmail.com

² Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP). Docente de Literatura (PPGL-UFGA). E-mail: augustos@ufpa.br

As relações de poder e os dispositivos presentes na contística de Maria Lucia Medeiros

Segundo as reflexões de Foucault o poder é indissociável de uma história da subjetividade já que é preciso pensar o sujeito como um objeto historicamente construído, utilizando como base determinações exteriores que podem ser compreendidas como práticas de poder. Logo, para falar de dispositivo que opera diretamente no corpo, que é alvo e objeto do poder, é preciso entender o poder não como uno e centralizado em instituições ou polos, mas como uma rede que perpassa, pois, o poder se estabelece em relação e de acordo com estruturas sociais de uma época, podendo ser mutável. Em suma, estão em todo tecido social, e diretamente relacionado às relações de poder.

Os dispositivos são heterógenos e têm como fim restringir, controlar, nortear, guiar condutas e comportamentos. São estratégicos por sempre terem objetivos dentro do jogo de forças. No geral, seu objetivo é o de construir corpos dóceis. Foucault reflete que dispositivo não é algo fixo e/ou homogêneo, muito pelo contrário, muda de acordo com a necessidade de controle de determinada situação, grupo, condição, para tal são utilizadas tecnologias do poder que visam atender a uma urgência, logo têm finalidade estratégica pois atendem a uma necessidade. Ele é desenvolvido estrategicamente para gerir e manipular e/ou conservar as relações de poder

O projeto estético de Maria Lucia Medeiros aponta para vários dispositivos de controle dentre eles elencamos o dispositivo da sexualidade, dispositivo disciplinar que possui como estratégias a vigilância (olhar hierárquico), a sanção punitiva, norma e exame, além o dispositivo aponta também para os rituais. É possível encontrar nos contos selecionados para análise tais elementos supracitados. Os contos escolhidos foram: *Velas. Por quem, Quarto de Hora e Chuvas e Trovoadas*.

Em *Quarto Horas* temos os caminhos encharcados de mistérios e de denúncias das realidades sociais de Medeiros desembocam numa cidadezinha à beira do rio. A cidade branca de hábitos estranhos, - como o silêncio, os hábitos monásticos, a extrema reserva e disciplina, a falta de sociabilidade, - onde o trabalho é de fundamental importância e é cenário de violências e opressões. Os hábitos têm funções importantes, pois norteiam a vida dos habitantes do lugar e são frutos de dispositivos de controle dos corpos. As mulheres são vigiadas pelos seus senhores e a igreja tem papel norteador no enredo, assim como o trabalho conduz a vida. Os hábitos de ir à missa e a fala restrita são a porta de entrada da história. A narrativa relata que as instituições de poder -como a igreja, a família- da cidade branca tutelam a vida de seus subordinados, os domesticando para o trabalho. Em *Quarto de Hora* as transgressões cometidas contra os costumes da cidadezinha eram severamente castigadas, podendo até pagar o delito com a própria vida. Os comandantes do lugar eram os senhores

a quem devia-se obediência. Na obra percebe-se as relações dos dispositivos da disciplina, da vigilância, da norma e da sanção. Percebemos até o poder familiar, na figura do homem castrador. O desejo é tolhido. A constante vigilância e o medo se instauram na pequena cidade. A vida deve ser direcionada somente para o trabalho. O trabalho é tido como um dos elementos principais da vida da comunidade descrita em *Quarto Horas*. Os indivíduos pertencentes à comunidade são, em sua maioria, dóceis/docilizados e levados para o trabalho. São então os animais laboras, conduzidos a trabalhar para perpetuar sua produtividade e seu status quo social.

O conto *Chuvas e Trovoadas* é ambientado em uma sala de aula de corte e costura. No contexto de sistema de ensino é possível observar em uma escala menor a rede de relações de poder existentes na sociedade. Foucault afirma que a escola é o espaço onde o poder disciplinar produz o saber. A escola é atravessada pela configuração social. Na escola temos a institucionalização do poder pois é um lugar que possui um regulamento e uma hierarquia própria. Os papéis dos sujeitos dentro de uma sala de aula são delimitados mesmo antes de entrarem em contato com o sistema educacional normativo.

O sistema escolar é marcado pelo paradigma da proteção e do acolhimento às crianças/adolescentes onde as relações hierárquicas têm lugares específicos. Guacira Lopes Louro (2013) escreve sobre a instituição escolar e sobre o modo como os sujeitos, em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, práticas e representações, vão construindo suas identidades. Segundo a autora, “a escola delimita espaços” e “ela separa” (LOURO, 2013, p. 62) gêneros, condutas, raças e papéis a serem cumpridos (hierarquias). Temos como personagens do conto a professora, as alunas e as mães (que são apenas mencionadas). Como figura de autoridade dentro da sala de aula temos a professora que seria a detentora do saber.

Dentro do espaço de ensino, a sala fechada, as meninas estão imersas num sistema de regras e de cumprimento de seus deveres como alunas. Segundo Foucault (1977) as relações de poder no século XX dentro das instituições, sejam elas familiares, escolares, prisionais etc., foram regidas pela disciplina. A disciplina é entendida como um dispositivo que engloba como estratégia o olhar hierárquico (aprofundaremos o conceito no capítulo seguinte). Esta tecnologia reforça os enquadramentos das relações de poder, quem é vigiado e quem vigia (mesmo que esta vigilância seja, por vezes, virtual).

Para além das instituições formais, Foucault foge da ideia do Direito como poder central e como parâmetro que dá conta de explicar as relações políticas e sociais, visto que este é insuficiente

para explicar a movimentação das relações e a “fluidicidade”³ do poder já que este não é detido por uma classe que o teria conquistado e mantido indefinidamente sua dominação. Com efeito, existe um deslocamento em relação ao Estado, visto que há uma série de relações de poder, anuncia Foucault: “em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social” (FOUCAULT, 1979a, p. 101). Nega-se a ideia de um poder binário global que se estabelece dualmente oprimindo de cima para baixo, mas sim em rede que permeia todo corpo social. O poder presume sempre um enfrentamento perpétuo, visto que o poder só pode ser entendido como algo que existe e funciona em relação, envolvendo forças antagônicas que se chocam e se contrapõem. Foucault reitera que o poder deve ser entendido como

correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. Estes formam, então, uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si; evidentemente, em troca, procedem as redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos de série, convergências, desses afrontamentos locais. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade destes afrontamentos (FOUCAULT, 1988, p. 89)

Para Foucault existem duas formas de expressão do poder, uma que está relacionada às forças que existem e emanam nas/das altas classes e do Estado; outra que ele chama de “microfísica” correlacionada à existência de um poder em rede, diluído e fragmentado em todos os setores da sociedade, passando do macro -um poder central, unitário- de onde emanam todas as ordens para a ideia de microfísicas do poder, quando o poder é entendido como um elemento que possui diversas estratégias para sua manutenção, estas são entendidas como dispositivos⁴ e operam na manutenção do poder e no controle dos corpos (trabalharemos o conceito de dispositivo mais profundamente mais à frente).

Essa perspectiva foucaultiana de poder, consolida-se em uma espécie de rede na qual os indivíduos estão, a cada momento, seja em posição de exercer o poder, seja em posição de serem submetidos a ele. Logo, podemos dizer que o poder não se detém exclusivamente nas mãos de alguém, mas circula incansavelmente. Foucault afirma que “o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles (...) o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT, 1999, p. 35). No conto *Velas. Por quem?* (VPQ) encontramos relações de poder e subserviência bem delimitadas. A pequena,

³ Foucault constata a “fluidicidade” do poder ao afirmar que o poder não é detido ou tomado por um grupo, mas que ele percorre as relações, sendo que os indivíduos podem ser ou exercer o poder.

⁴ Foucault se aproxima da definição de dispositivo ao assinalar que se trata de “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (2004, p. 246).

personagem principal da trama, chega de barco em uma cidade com o objetivo de trabalhar em uma casa de família, prestando seus serviços quanto empregada doméstica/criada/agregada. A diferença econômica é fator importante nas relações de poder, sendo o poder econômico uma forma de poder. O poder é exercido por quem tem posse dos bens materiais e econômicos. Por outro lado, quem não detém os recursos econômicos, está sujeito a trabalhos de toda a sorte para garantir sua subsistência, ou como se dá no conto, por troca de favores, como a moradia, o vestuário e a alimentação.

O poder econômico se mantém dentro de um sistema capitalista e que faz com que os trabalhadores se sujeitem ao poder do patrão. Assim, o menos favorecido economicamente se torna dependente das vontades de quem possui o poder econômico. Quanto maior for a dependência econômica, maior é o nível de submissão, posto a necessidade de custear a sobrevivência.

Podemos dizer que potencialmente, todos são, ao mesmo tempo, detentores e destinatários do poder, seus sujeitos ativos e passivos. Assim,

a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1979b, p. 89)

Levando em conta que o poder é uma relação de forças em constante movimento e mutação, ele provém de lugares variados e ao mesmo tempo de lugar nenhum, logo, fica claro que o poder não está centralizado e unificado numa só figura ou instituição. Para Foucault, as relações de poder fazem parte de qualquer agrupamento humano, entre cada ponto do corpo social, entre homem e mulher, entre membros de uma família. As micro relações de poder passam despercebidas aos nossos olhos, e acabam constituindo estruturas sociais. *Em Velas. Por quem?* o “doutor” a figura masculina é o detentor da propriedade e a pessoa de maior autoridade dentro da casa, dentro da lógica patriarcal⁵. Segundo Foucault os indivíduos estão sempre passíveis de exercer o poder e sofrerem suas ações, dito isso, percebemos que a “mulher” mesmo que represente uma figura que exerce maior poder sobre a protagonista, ela na relação familiar, não é a detentora do poder, visto que é uma figura

⁵ O patriarcado diz respeito aos sistemas de organização social em que prevalece uma ordem masculina de poder econômico, político, social, cultural e simbólico. Tem origem milenar (Muraro, 2002). Já o patriarcalismo é um conceito cunhado por Weber, que significa um tipo específico de dominação tradicional, legitimada na autoridade pessoal e na tradição, distinta da dominação racional-legal, legitimada pela ordem impessoal em virtude da legalidade formal (os conceitos de dominação serão explicados no capítulo II). O que é importante fixar é que patriarcado é uma noção muito mais ampla, não se resumindo aos sistemas de dominação patriarcal, existente, também, nas sociedades em que prevalece a dominação racional legal. (GIACOMINI, 1988, p. 20)

subalternizada pelo “doutor”. A “fluicidade”, uma das características do poder, pode ser notada nessas relações, em um determinado momento a mulher é quem detém o poder, noutra é quem sofre seus efeitos, o mesmo ocorre com a protagonista. O poder passa por todas as camadas da sociedade e pode ser de forma sutil e atinge todos os corpos. Assim, o poder se situa “ao nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micropoder ou subpoder” (FOUCAULT, 1979, p. 12). Com a morte do doutor e o envelhecimento da mulher quem toma o posto de patroa é a menina, agora já como uma “mulher branca e perfumada”, como o narrador a descreve. No final do conto a protagonista muda de “posto”, quando ao anunciarem-lhe com dó que fatalmente sua linha da vida fora roubada a chamam de “senhora”. Dentro das relações de poder todos são alvos do poder e podem também ser protagonistas em outros momentos. O que não garante sua distribuição igualitária.

Como vimos, os contos de Medeiros são permeados de críticas sociais e denúncias de diversos tipos de violências. Logo, consideramos Medeiros como uma escritora de resistência. Ressaltamos que a escrita, a educação e a intelectualidade feminina foram negadas dentro do sistema patriarcal vigente, e em diversos recortes sociais ainda as são, quando entendem a mulher como um ser subalterno e inferior. Escrever enquanto mulher é resistir ao papel que nos foi negado e negligenciado. A escritora Virginia Woolf, em *Profissões para Mulheres*, destaca a necessidade de romper os paradigmas e os “fantasmas” de quem deveríamos ser e das diversas vozes que nos assombram desde nossa mais terna infância. A autora reflete: “Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar” (WOOLF, 2013, p. 18). A escrita de mulheres foi durante muitos séculos renegada e preterida apesar de sua densidade intelectual e maestria. Maria Lucia também falou sobre os fantasmas. Amador narra em seu trabalho que quando Medeiros foi perguntada sobre a razão pela qual escrevia, ela respondeu: porque os fantasmas se chegam, porque os fantasmas se afastam” (AMADOR, 2011, p. 104).

No conto *Chuvvas e Trovoadas* (CT) é possível encontrar diversos fantasmas. Guacira Lopes Louro, em seu livro *Gênero, Sexualidade e Educação*, levanta questões importantes sobre as construções de gêneros nas escolas. Segundo a autora a escola ratifica a separação e segregação entre os sexos/gêneros embutindo performances para cada um. No conto a professora “sonhava e as transformava em futuras jovens senhoras, ‘mãos de fada’, orgulho dos maridos, da família” (MEDEIROS, 2003, pp. 154-155). Podemos aferir que a professora pressupunha e reforçava comportamentos ditos femininos entendendo como realização pessoal a garantia de tê-los.

Medeiros denuncia diversas violências e sistemas autoritários em suas obras. A contista problematiza um dos crimes mais recorrentemente praticado e muitas vezes invisibilizado para proteger o agressor. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014) estima-se que 527 mil pessoas são estupradas por ano no Brasil. Logo a estimativa é que a cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil. Toda mulher tem uma história de horror para contar e essa realidade é trazida pela contista em *Velas. Por quem?*. Logo, temos uma escrita de resistência, visto que a narrativa quando é atravessada pela tensão crítica e que busca mostrar a vida tal como ela é enquadra-se em obras de resistência, segundo Alfredo Bosi (2002). Para o teórico a resistência é um antes de tudo um conceito originariamente ético e não estético, pois traz à tona o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico.

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições. (BOSI, 2002, p. 134)

Assim posto, o tópico seguinte ocupa-se em apresentar e analisar processos de resistência contidos de Medeiros. Posteriormente explicaremos a possibilidade de contradispositivar.

Das resistências ao contradispositivo

A resistência na obra está presente quando a autora revela os estupros sofridos por uma mulher sem nome, de origem pobre e pele negra no seio de uma família branca e abastada. Com isto ela retrata a realidade de milhares de mulheres que são violadas e feridas dentro de suas casas e que têm suas vidas “fatalmente” destroçadas por violências sexuais de toda sorte. Por isso a escrita de Medeiros resiste. Nos três contos que subsidiam esta dissertação têm como personagens centrais mulheres, logo são protagonistas. A palavra protagonista vem do grego, “*protos*” que equivale a principal e “*agonistes*” que equivale a lutador ou a batalhador. Entendemos estas mulheres como figuras principais que de maneiras diferentes e particulares tentam resistir, seja pela coragem em enfrentar desafios, contar suas histórias ou simplesmente em viver.

Entendemos que a resistência é provinda do jogo de poder e este é a relação que se estabelece entre as forças que se encontram presentes e em movimento em todos os espaços, públicos ou privados. O jogo de forças é constante e incessante, visto que as forças permanecem eternamente em debate. É possível haver tensões durante o debate entre as forças. Sobre as lutas de resistência Foucault assinala que “eu não acredito que a individualização se oponha ao poder, mas, pelo

contrário, eu diria que a nossa individualidade, a identidade obrigatória de cada um é efeito e instrumento do poder, e o que este mais teme é: a força e a violência desses grupos” (FOUCAULT, 1994, p. 663).

O conto *Chuvas e Trovoadas* é ambientado em uma sala de aula de corte e costura. No contexto de sistema de ensino é possível observar em uma escala menor a rede de relações de poder existentes na sociedade. Foucault afirma que a escola é o espaço onde o poder disciplinar produz o saber. A escola é atravessada pela configuração social. Na escola temos a institucionalização do poder pois é um lugar que possui um regulamento e uma hierarquia própria. Os papéis dos sujeitos dentro de uma sala de aula são delimitados mesmo antes de entrarem em contato com o sistema educacional normativo.

O sistema escolar é marcado pelo paradigma da proteção e do acolhimento às crianças/adolescentes onde as relações hierárquicas têm lugares específicos. Guacira Lopes Louro escreve sobre a instituição escolar e sobre o modo como os sujeitos, em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, práticas e representações, vão construindo suas identidades. Segundo a autora, “a escola delimita espaços” e “ela separa” (2013, p. 62) gêneros, condutas, raças e papéis a serem cumpridos (hierarquias).

Temos como personagens do conto a professora, as alunas e as mães (que são apenas mencionadas). Como figura de autoridade dentro da sala de aula temos a professora que seria a detentora do saber. As meninas imersas em um sistema disciplinar se deparam com diversos mecanismos de controle, os quais regulavam suas condutas, horários, vestimentas etc. Dentro do pacto social a pessoa que foge do padrão deve ser punida de acordo com os seus delitos. Tendo em vista a sanção normalizante de Foucault, dentro de sistemas escolares ou em fabricas existe um olhar de reprovação, como também a privação da palavra, a proibição da expressão do pensamento, a exigência da boa conduta. Quanto as punições e as vigilâncias, essas conduzem ao adestramento dos corpos para a disciplina, principalmente em instituições como seminário, conventos, escolas etc. Há uma política de coerções no intuito de moldar o indivíduo de forma a homogeneizante. Aos que não apresentam boas condutas cabem pequenas punições. Até mesmo as reprovações dos olhares, característico do dispositivo da vigilância, são meios de castrar condutas atípicas. A menina tinha condutas inadequadas e de resistência todo dia de curso e a cada comportamento fora do padrão a protagonista recebia olhares de reprovação. Vejamos o que Foucault analisa sobre a generalidade da função punitiva:

Procurava na técnica “ideológica” das representações e dos sinais tem agora por suporte a extensão, a armadura material, complexa, dispersa, mas coerente, dos

diversos dispositivos carcerários. Por isso mesmo, um certo significado comum circula entre a primeira das irregularidades e o último dos crimes: não é mais a falta, não é mais tampouco o ataque ao interesse comum, é o desvio e a anomalia; é a sombra que povoa a escola, o tribunal, o asilo ou a prisão. Generaliza pelo lado do sentido a função que o carcerário generaliza pelo lado da tática. O adversário do soberano, depois inimigo social, transformou-se em desviador, que traz consigo o perigo múltiplo da desordem, do crime, da loucura. A rede carcerária acopla, segundo múltiplas relações, as duas séries, longas e múltiplas, do punitivo e do anormal. (FOUCAULT, 1999, p. 326)

Na escrita de Medeiros nada é por acaso, todo seu texto é construído e direcionado para apresentar ao leitor suas questões. No caso do conto CT a autora o ambienta apresentando o local onde as meninas se encontram “protegidas do mundo abrigadas na imensa sala” (MEDEIROS, 2003, p. 154). As janelas ficam abertas, porém são altas, impossibilitando a visão do mundo lá fora. O piano fechado, para que não possa ser tocado. O quintal perto, porém não está disponível. Medeiros conduz sutilmente o leitor pela sala de aula indicando as possibilidades e impossibilidades, visto que há paisagem, mas não visão, há instrumento, mas não há música etc.

Medeiros dirige a atenção ao sapato da menina de cabelos encaracolados. “É claro que de repente um pé saía do sapato e escorregava pra debaixo da mesa” (MEDEIROS, 2003, p. 153). O sapato parece incomodar, fechar e aprisionar o pé da garota. Podemos conceber o sapato como um acessório que uniformiza o dispositivo uniformizador no conto, visto que as meninas chegavam à aula “todas banhadas, cheirando a lavanda francesa” (MEDEIROS, 2003, p. 153), com os cabelos presos com fitas e broches ou trançados. Parece haver um padrão no modo de se perfumar, prender os cabelos e se vestir.

Pensando o sapato como aquele que molda o pé, que sufoca e, por vezes, até machuca. Não é de hoje que os sapatos podem funcionar como dispositivo, como é o caso do ritual dos pés de lótus na cultura chinesa. Tradição que reinou na China durante 1000 anos. As meninas, ainda muito novas tinham seus pés cortados e dobrados para que coubesse em sapatos minúsculos, assim os ossos quebrados se moldavam aos sapatos e paravam de crescer. Tiras de panos eram usadas para apertar os pés cada vez mais. Os pés pequenos para os chineses eram sinônimo de beleza, as mulheres com pés maiores eram consideradas feias e corriam o risco de não se casarem. Cláudia Trevisan em seu livro *Os Chineses* trata, entre outros assuntos, sobre as mutilações sofridas pelas mulheres com o pé de lótus. “O costume sobreviveu durante cerca de mil anos e era uma forma brutal de mutilação, que comprometia a capacidade das mulheres de se moverem e reforçava ainda mais sua submissão aos homens” (TREVISAN, 2009, p. 141). Tais mulheres sofreram mutilações, tiveram seus corpos brutalmente danificados para caber numa estética irreal.

Apesar do padrão de comportamento e vestimenta das meninas, existe uma que se diferencia. A autora diferencia a “ovelha desgarrada” pelos cabelos encaracolados e brincos nas orelhas. É dela que o pé sai do sapato. Interessante assinalar que não é o sapato que sai do pé da menina, como comumente se fala, é o pé que sai do sapato como ato voluntário e pensado. Tal atitude da garota pode ser interpretada como um ato de resistência àquilo que lhe uniformiza, bloqueia, machuca, priva ou diminui seus movimentos. Ela permanece assim até o momento em que a hora do intervalo é dada e todas podem sair para usar o banheiro e beber água.

Como ato de resistência assinalamos o arrastar de cadeiras feito pela pequena. “A de cabelos encaracolados trazia brinquinhos nas orelhas pequenas, delicadas, e arrastava a cadeira e pedia desculpas, mas repetia o gesto todos os dias de aula. O ruído era dela, feito por ela” (MEDEIROS, 2003, pp. 153-154). Mapeamos como um ato de resistência pois trata-se de uma atitude provocativa e incomoda. O ato rompe com o silêncio exigido pelo sistema no qual estão inseridas. “O arrastar da cadeira” é “sempre acompanhado pelos olhares meio reprovadores das outras costureirinhas” (MEDEIROS, 2003, p. 154). As demais garotas imersas nos parâmetros e dispositivos de controle a qual eram submetidas internalizam e se subjetivam pelo dispositivo, com isto não se tornam propagadoras do próprio dispositivo em que estão inseridas e funcionam como tal em relação as outras meninas e coisas. Elas passam a vigiar e controlar o comportamento uma das outras.

Mesmo que estejamos presos nesta teia de poder Foucault ressalta que: “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 1979a, p. 241). Para Deleuze, “a resistência tem o primado, na medida em que as relações de poder se conservam por inteiro no diagrama, enquanto as resistências estão necessariamente numa relação direta com o lado de fora” (DELEUZE, 1988, p. 96). Segundo Foucault

Não somos presos, então. Acontece que estamos sempre de acordo com a situação. O que quero dizer é que temos a possibilidade de mudar a situação, que esta possibilidade existe sempre. Não podemos nos colocar fora da situação, em nenhum lugar estamos livres de toda relação de poder. Eu não quis dizer que somos sempre presos, pelo contrário, que somos sempre livres. Enfim, em poucas palavras, há sempre a possibilidade de mudar as coisas [...]. A resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder. Eu penso que o termo ‘resistência’ é a palavra mais importante, a palavra-chave dessa dinâmica. (FOUCAULT, 2004, p. 268)

A resistência se constitui enquanto força tanto quanto o exercício do poder. Podemos dizer que a resistência é elemento presente em todas as relações, visto que sem ela não existe relação de

poder. Foucault afirma (2004, p. 425) “que não há relações de poder sem resistências”. Logo, a resistência visa a defesa da liberdade. Para Foucault:

Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertem a situação -, não haveria de forma alguma relações de poder (FOUCAULT, 2008, p. 257)

Foucault define as resistências ou insubmissões os “movimentos que tem como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e outros pastores, para outros objetivos e outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos” (FOUCAULT, 2008, p. 257). A resistência é a expressão da insatisfação.

As resistências são advindas de um contato direto e ininterrupto com o poder. Portanto as resistências não são necessariamente reações. Ao passo que existe a recusa, o desejo de romper com o dispositivo, de subvertê-lo encontra-se na incapacidade de sair por completo de seu domínio.

Agamben entende que profanar é uma operação não natural que devolve ao uso comum dos seres humanos aquilo que lhes foi retirado e posto em uma esfera divina e/ou religiosa. Logo, a profanação restitui aquilo que foi retirado do homem pelo sacrifício (AGAMBEN, 2005, p. 14).

As resistências são imanentes ao funcionamento do poder, visto que sem elas os dispositivos seriam estáticos. O dispositivo compreende uma rede conectada por relações de poder. “As resistências podem funcionar como contradispositivos na medida em que não cansam de inverter, recusar, reorganizar, perverter e recriar contra o funcionamento de suas relações de dominação” (ALVIM, RODRIGUES, 2016). Ou então, um contradispositivo procede não apenas desregulando as engrenagens que fazem os dispositivos funcionarem, ele também cria novas maneiras de agir.

A resistência torna-se contradispositivo quando, menos do que atacar uma manifestação precisa, ela afeta a própria circulação de poder no dispositivo, desestabilizando sua ação administrativa. Ou seja, as resistências circulam por todo o dispositivo, e não há dispositivo que não as comporte. Já o contradispositivo se forma apenas quando as linhas resistentes atingem uma velocidade tal que ameaça desestabilizar o dispositivo, pois há um momento em que elas escapam, a ponto de forçar o movimento (reativo) da linha do poder e impeli-lo a organizar uma nova configuração que, sem dúvida, almeja capturar a linha fugidia. Trata-se de um campo interior ao dispositivo, mas que é também capaz de atravessar seus limites ou perfurar suas extremidades. Toda linha de resistência comporta essa ameaça virtual: inventar um contradispositivo por contaminação, perfuração ou fuga. (ALVIM, 2012, p. 83)

As resistências constituem o jogo de poder, pois são fundamentais para a existência das relações de forças e podem se tornar um contradispositivo, sendo assim ameaças virtuais. Elas tornam-se contradispositivo na medida que questiona e resiste ao dispositivo.

Segundo Foucault estamos sempre inseridos no jogo de poder. O poder por sua vez existe numa rede vasta e multiforme de relações, logo as resistências são igualmente vastas e plurais e possuem focos diferentes de ação e multiformas de resistir. Por não existir um único poder não existe uma só forma de resistir. Nos contos de Maria Lucia Medeiros encontramos diferentes processos de resistência em comparação com os dois outros analisados.

Quarto de Hora entrelaça duas histórias uma que é narrada pela mãe à filha e outra que é vivida pelas duas. Além disso Alfredo Bosi em *Narrativa e Resistência* (1996), diz que a escrita resistente é aquela opção “que escolherá afinal temas, situações, personagens decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes” (BOSI, 1996, p. 23). O autor menciona também que para se construir um texto narrativo relevante, com uma formação simbólica cheia de sentimentos e valores de resistência, é tarefa do escritor(a). Também é preciso ir além das teorias estéticas edificadas. O teórico afirma que não existe escrita narrativa sem consciência, a “consciência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (BOSI, 1996, p. 26).

Em *Quarto de Hora* a mãe conta para a filha uma história que é passada por gerações até chegar à menina. Inicialmente, durante a infância da filha, são omitidas as violências da história. Na medida que a menina cresce a mãe percebe que precisa confiar a ela o desfecho de sua narrativa. Percebendo a maturidade nos olhos da protagonista a mãe releva as violências e as mortas que surgem a partir da não execução das atividades disciplinares as quais o povo da Cidade Branca era submetido. Entendemos que a narrativa da mãe é um ato de resistência a partir do momento em que são reveladas as violências e situações de opressão as quais as mulheres são submetidas. Acreditamos que quando a mãe evidencia a filha um mundo de dores e violências ela oferece um conhecimento fundamental que possibilita reflexão e resistência. A dor, o tom confessional e o traslado realizado pelas protagonistas dão pistas que a narrativa da mãe, mesmo que modificada é uma história possível de ocorrer é pode funcionar como alerta e proteção para com sua filha.

A resistência são linhas de reações ao poder que se comporta como essa ameaça virtual de reação e contaminação em face as relações e aos centros de poder. As formas de resistir são múltiplas, difusas e fluidas. O esforço da mãe em narrar pode ser um movimento feito que possibilita a criação de questionamentos e ações de resistência. A protagonista já adulta incube-se de repassar a narrativa.

As mulheres da cidade branca eram vigiadas pelos senhores e caso não movessem os lábios para entoar os cantos laborais, se entendia que não faziam mais parte da comunidade.

No conto *Velas. Por quem?* o processo de assujeitamento e opressões sofridas pela menina são de diversas sortes, ressaltando seu recorte social: mulher, negra, pobre e sem escolaridade. Apesar das violências sofridas a pequena, em resistência punha-se a rir e a sorrir. Ao alegrar-se com prováveis brincadeiras infantis, posto que começou sua a desempenhar os trabalhos domésticos ainda muito nova, por vezes era displicente em suas “obrigações”. “Fatal foi teres ignorado os deveres tanto que ressoavam nas campainhas pelo casarão inteiro e puseste a rir, sorrir e te alegrar tantas eram as correrias, o leiteiro, o padeiro, o telefone... (MEDEIROS, 1993, p. 87)”. Os pequenos atos de resistência da menina eram ser criança e se comportar como uma. Fatalmente sua infância foi ceifada. Quando a pequena resiste preservando sua maneira de falar e ao tratar a urina da mulher como “mijo” ela é violentamente punida. As resistências dentro do enquadramento vivido pela pequena são vivamente tolhidas.

Ao entrar na puberdade a pequena começou a sofrer violências sexuais, as agressões eram praticadas pelo senhor e pelo filho do patrão. Durante os abusos seu corpo permanecia ereto em sinal de descontentamento e resistência. A resistência deste conto está mais ligada ao seu teor de crítica e denúncia, do que a atos de resistência da protagonista.

Em *Chuvas e Trovoadas* a tarde modorrenta e calorenta é rompida pelas chuvas e trovoadas, assim como a atitude da menina rompe como os dispositivos. Por um instante, como um trovão, ela quebra com o silêncio e as relações de poder.

Contam também que a menina do cabelo encaracolado perdeu-se esquecida, agulha presa entre os dedos, olhos fixos no lustre resplandecente. A professora ergueu os olhos por cima dos óculos. Mas a menina já estava de pé, braços abertos num longo espreguiçamento e, ligeira, atirou caixas e agulhas e linhas e dedal pra cima, pro alto, bem pro alto, esparramando pela sala dezenas de alfinetes e pedacinhos de renda que se foram alojar, num vôo doido, por cima das meninas costureiras.

Na mão esquerda, a tesourinha ameaçadora que ela fincou sobre a mesa e virou as costas, rindo das caras assustadas das outras meninas. E abriu a porta.

-Merda! que ela disse ainda, antes de mergulhar na chuva grossa que banhava ruas e calçadas.

Contam que as outras acudiram a professora com água e açúcar. (MEDEIROS, 1994, p. 155)

No momento que a menina se levanta e diz uma palavra de baixo calão ela rompe com os dispositivos disciplinares. Com sua atitude ela mina um ponto de apoio das relações de poder, mas também subverte e reinventa a rede que faz o poder circular. A atitude da menina ameaça e quebra com as relações na fração de espaço e tempo, por um instante existe um autogoverno que contamina o status quo podendo formar de zonas autônomas temporárias. Naquele momento a figura de autoridade perde seus poderes ao ponto de precisar ser acudida pelas demais. A professora perde seu

poder de reação e a menina enfrenta o sistema de autoridade. Quando levadas a esses termos, as resistências contradispositivam, o que quer dizer que elas deixam o poder em defasagem, nem que seja apenas por um momento. “E a aula acabou por ali mesmo” (MEDEIROS, 2003, p. 155) já que nada pode ser feito. Posteriormente, a menina de cabelos encaracolados deixa de frequentar as aulas de costura, entendemos que ela foi expulsa.

A atitude da menina contradispositivou pois além de atacar as manifestações de poder de sua sala de aula, ela desestabilizou o dispositivo ao afetar sua ação administradora. O contradispositivo opera deixando o poder em defasagem ao ponto de precisar se reinventar e criar “o movimento reativo” para reajustar o poder. Ao desestabilizar as linhas de poder o contradispositivo força uma nova organização/configuração para capturar os desalinhos que foram postos o poder.

Poder sem resistência não é poder, é dominação total, massacre. Acreditamos que haja a apresentação de uma maior ocorrência de dispositivos e resistência não só dada a extensão dos contos, mas também a configuração da proposta de Maria Lucia que é de denúncia. Os contos são curtos, sendo o mais extenso *Quarto de Hora* que é dividido em duas partes e tendo quarenta e quatro páginas. Apesar de ser um conto longo o projeto estético de Medeiros está muito mais ligado a um viés de denúncia e crítica social. A resistência na obra encontra-se em sua denúncia e em suas personagens que protagonizam e procuram demonstrar suas insatisfações e incômodos contra o sistema ao qual estão imersas. Além disso, supomos que os projetos de subjetivação são tão complexos e naturalizados que entendendo-se como indivíduos livres naturalizam os dispositivos, com isto pode parecer pouco necessário contradispositivar. Ressaltamos que todo o trabalho foi elaborado tendo como alvo resistir através da pesquisa e investigar maneiras de contradispositivar.

A menina sempre tirava seus sapatos “de repente, um pé saía do sapato e escorregava para debaixo da mesa” (MEDEIROS, 2003, p. 153), quebrando a disciplina. Ao dar a hora do intervalo “ia sempre a menina de cabelos encaracolados, ovelha meio desgarrada que procurava antes o sapato demais da mesa. Era dela o pezinho vestido com meia branca de rendada, adivinham?” (MEDEIROS, 2003, p. 153). A menina um ato de transgressão rebela-se contra o sistema. A professora ensaia um olhar reprovação contra a conduta da aluna, porém sem sucesso, visto que já estava de pé. Ela rompe com as normas e mesmo palavras de baixo calão profere. “- Merda! Que ela disse ainda, antes de mergulhar na chuva grossa que banhava ruas e calçadas” (MEDEIROS, 2003, p. 155). A professora com tamanho espanto passa mal e preciso ser acudida pelas demais meninas também assustadas ao ver a menina com uma tesoura a fincando numa mesa e saindo da sala. Por fim soubesse do telefone da professora, porém inteligível. A menina parece ser expulsa do curso, visto que contam as mães

que ela passa as tardes lendo e não mais no curso de corte e costura. A protagonista é expulsa por ter uma ameaça ao sistema ali estabelecido, o que entendemos como um contradispositivo, sua insubmissão não é suportada após seu último ato de resistência.

Considerações finais

Tivemos como objetivo primeiro investigar a resistência da obra de Maria Lúcia Medeiros. Como corpus elencamos três contos: *Quarto de Hora*, *Velas. Por quem* e *Chuvas e Trovoadas*. Os três contos nos pareceram evidenciar temas fundamentais trabalhados pela autora. Percebemos que são abundantes as possibilidades de investigação sobre a obra de Medeiros, vista a riqueza temática e complexidade de sua escrita, porém escolhemos abordar suas produções por esta vertente dada a urgência de se resistir e transformar / transcender / contradispositivar. Assim, a escolha do tema surgiu da necessidade de se levantar questões sobre os diversos mecanismos de que o poder se vale para controlar nossas condutas nos mantendo corpos dóceis e a serviço do capital.

Torna-se mais urgente ainda dado o momento de crise política vivido no Brasil. Notadamente, vivemos uma conjuntura política perigosa, a ascensão meteórica de uma classe reacionária, golpista, genocida, sexista e lgbtqia+fóbica nos desperta o anseio e a obrigação ética de romper e tentar quebrar suas estruturas. Lembrando que segundo Bosi, “resistência é um conceito originariamente ético, e não estético”. Como docente em exercício em um país que ameaça à liberdade de expressão de seus (suas) professores (as) ser agente de transformação e formação social nos parece fundamental compreender as estratégias de controle e silenciamento. Entendemos o saber como uma forma e produtor de poder e vice-versa.

Concluimos que Maria Lúcia Medeiros apresenta em seus contos diversas críticas à sociedade de controle, ao autoritarismo, às violações de direito, além disso, ela dá voz a personagens muitas vezes silenciados. Interessante ressaltar que o protagonismo de seus contos é exercido por vozes femininas, mulheres, crianças, mães, jovens etc., que passam pela vida sendo assujeitadas em diversos estágios da vida e pelos mais diferentes dispositivos. Com isto concluimos que Maria Lúcia Medeiros é uma escritora de resistência.

Os dispositivos, como Foucault e Agamben assinalam podem ser de diferentes ordens e atendem a urgências. O controle sob o corpo da mulher é fundamental para a perpetuação da espécie, para o controle de natalidade, para a produção laboral. Não é de hoje que o corpo feminino é posto a serviço de homens, sendo estes exercendo a função de marido, Estado e/ou igreja. Desde o período

bíblico, como ressaltamos neste trabalho, a mulher é colocada como pecadora original, santa, provocadora da libido masculina etc. Não só esses como tantos outros fantasmas assombram a vida da mulher. Etiquetas, rótulos e caixas são criadas para amarrar e assujeitar o corpo e mente da mulher. O controle sexual sobre o corpo das mulheres pode se dar pelo fato de a mulher poder engravidar, já que assim controla-se a natalidade, o contingente populacional e a futura mão de obra. A fertilidade feminina também é usada como justificativa de falas e comportamentos machistas. Justifica-se a distribuição de salários menores às mulheres pois engravidam e por isso seriam custosas às empresas (sic), por exemplo. O olhar místico para este fato leva a encarar a mulher como um indivíduo à parte, fora dos padrões falocêntricos, cheio de hormônios e alheio à racionalidade. Entender os processos e os diferentes dispositivos aplicados sob o corpo feminino é fundamental para combatê-los. O conhecimento nos possibilita criar mecanismos de resistência.

Encontramos cenários de autoritarismo e mecanismos disciplinares descritos nos contos. Medeiros apresenta poeticamente as estratégias dos dispositivos disciplinares. Os sistemas disciplinares estão sempre associados a locais fechados onde o corpo máquina é solicitado, as meninas de *Chuvas e Trovoadas* na sala de aula de corte e costura, a pequena em *Velas. Por quem?* na casa de seus patrões (seu local de habitação e trabalho) e *Quarto de Hora* na pequena cidade, mais especificamente em seu trabalho. Corpo, voltado para o trabalho e produtividade.

Levantando o conceito de resistência e contradispositivo procuramos entender como se dão esses processos não só na ficção como também na vida cotidiana. Elencamos uma série de resistência nos contos assim como no processo de escritura de Medeiros, porém encontramos um número reduzido de contradispositivos. Associamos tal fato à proposta do projeto estético da autora ser voltado muito mais a denúncias e críticas sociais, possibilitando dar voz e visibilidade às personagens. Além disso, podemos dizer que ocorra também pela dificuldade de romper com os processos de subjetivação, os indivíduos se encontram a tal ponto assujeitados por processos sutis e assertivos que veem com naturalidade situações de opressão e/ou não entendemos os dispositivos como estratégias de controle e é isto que é mostrado pela autora. Acreditamos que os dispositivos e a subjetivação se retroalimentam conferindo uma naturalização de situações de violência.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer** – o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução de Vinícius Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALVIM, Davis Moreira. O que é um contradispositivo? **Cadernos de Subjetividade**. n. 14, 2012.

AMADOR, Maria de Fatima Correa. **Maria Lucia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção**. UFPA, 2011.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerário**, Araraquara, n. 10, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>>.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault** [1986]. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979a.

FOUCAULT, Michel. **A vontade do saber**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976)**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução Roberto Machado. 20º ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIACOMINI, Sonia. **Mulher e Escrava**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2013

MEDEIROS, Maria Lucia. **Velas, por quem?** Belém: CEJUP, 1990;

MEDEIROS, Maria Lucia. **Quarto de Hora**. Belém CEJUP, 1994.

MEDEIROS, Maria Lucia. **Antologia de Contos**. Belém: Amazônia Livros e Vídeos Ltda, 2003.

RODRIGUES, Alessandro e ALVIM, Davis Moreira. Como cartografar resistências? Apontamentos sobre contradispositivo e criação. **Revista Lugar Comum** n.º 48 – 2016.2.

TREVISAN, Cláudia. **Os Chineses**. 1 ed. Editora Contexto. São Paulo – SP, 2012

TAPSCOTT, Rebecca. Understanding Breast “Ironing”: A Study Of The Methods, Motivations, and outcomes of Breast Flattening Practices In.: Cameroon. Feinstein International Center, **Strengning the humanity and dignity of people in crisis through knowledge and practice**, 2012.

WOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Editora L&PM Pocket 2013.

Como citar este artigo:

LACERDA, Ana Júlia Chaves de; SARMENTO-PANTOJA, Augusto. A resistencia na contística de Maria Lucia Medeiros. **Revista Narrares** – V.1, N.2, Jul-Dez, 2023, pp. 139-156.